

GRUPO E ULTREIA

“Não se fazem Reuniões de Grupo para se fazer cursilhos mas fazem-se cursilhos para que se formem Reuniões de Grupos” (Eduardo Bonnin)

Não é por acaso nem porque é bonito, esta máxima de Eduardo Bonnin. Ele sem ser sociólogo nem psicólogo sabia e conhecia a importância e eficácia do grupo.

Então o porquê do grupo?

Em primeiro lugar é uma **NECESSIDADE SOCIAL E PRIMÁRIA DO SER HUMANO**

As ciências da sociologia e da psicologia dizem-nos que o grupo é uma mais valia para o desenvolvimento e eficácia do cumprimento dos objetivos a que o grupo se propôs na sua formação e para o qual surgiu.

Aristóteles tinha razão ao afirmar: “o homem é por natureza um animal social”. A pessoa é um ser em relação, por isso a vida em grupo é uma exigência da natureza humana. O homem tem necessidade dos seus semelhantes para sobreviver, para propagar e perpetuar a espécie e para realizar-se plenamente como pessoa.

O ser humano é gregário, ou seja é sociável e comunitário por natureza e somente existe, ou subsiste, em função dos seus inter-relacionamentos grupais. Sempre, desde o nascimento, a pessoa participa em diferentes grupos. É extremamente difícil ao Homem, para não dizer impossível, viver isolado. Poderíamos dizer que o homem, que se isola, sofre de qualquer anomalia (a não ser que uma Causa Superior isso lhe exija; e ele, voluntariamente o aceite) e que o viver isolado vai de encontro à sua Natureza. Todo o ser humano necessita de apoio mútuo, para o seu desenvolvimento afetivo, social e de progresso. Lemos na Sagrada Escritura (Gen. 1) ao finalizar a Criação do Mundo: “*Deus a seguir disse: Façamos o homem à Nossa imagem, à nossa semelhança...Ele os criou homem e mulher*”. Este foi o primeiro Grupo, diretamente criado por Deus (com a devida interpretação desta narração bíblica). O certo é que a partir deste primeiro Grupo, não mais o Homem deixou de viver em grupo, ramificando-se em outros grupos, cada vez mais alargados, até à construção da sociedade em que hoje vivemos. Sociedade é o conjunto dos Seres Humanos. Este conjunto deriva e pressupõe a existência de Grupos mais reduzidos, tais como: Nações, Etnias, Tribos, Clãs, Associações de diversa ordem (grandes ou pequenas), etc., etc. ... até chegarmos ao grupo base: a Família, que por sua vez, se radica unicamente em dois seres: homem e mulher.

Quaisquer destes grupos têm denominadores comuns: a consanguinidade, os costumes, a língua, etc., etc. ...

Não podemos deixar de destacar, pela sua preponderância, o fator Religião. Todo o Ser Humano é naturalmente religioso, já que ele mesmo está intrinsecamente ligado ao Sobrenatural, quer disso se aperceba ou não, este fator é, infelizmente – e, nos tempos presentes, sentimos os seus catastróficos – causa de grandes dissidências entre os Homens, quando, mais que qualquer, os deveria unir.

Também lemos em Gen. 1, na Sagrada Escritura: “*Abençoando-os, Deus disse: Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra*”. Quer dizer, Deus entregou nas mãos do Homem a construção do mundo em que ele mesmo iria viver. Deus não se demarca do

Homem. Ele continua presente. Mas é ao Homem que compete acionar todo o processo de desenvolvimento do Mundo (não exijamos a Deus fazer aquilo que nos compete).

E, na realidade, com êxitos e fracassos, o Homem tem avançado na construção desta Sociedade em que todos estamos inseridos e da qual, quer queiramos, quer não, fazemos parte integrante e fundamental. Por natureza, o Homem tende para a equidade, para a justiça e, também para a fraternidade. E, por isso mesmo, a Pessoa Humana tem sido e continua a ser o autor e ator do grande projeto de construção de uma Sociedade mais justa e mais fraterna. Portanto, deve ser o centro de todas as nossas atenções, preocupações e ocupações. Neste projeto de construção de um mundo melhor e de uma sociedade mais justa e mais fraterna, é evidente que não se podem dispensar as “ações individuais”, que visem atingir determinados objetivos. Mas não esqueçamos que esta “grande tarefa” não pode ser obra de “alguns”, isoladamente. As grandes tarefas exigem grandes meios e não se compadecem só com as ações isoladas.

Hoje mais que nunca, nos mais diversos aspetos da vida humana, existe a tendência para o Homem se “agrupar”, reunindo-se com outros homens para se tornar mais forte. A marca de equipa é também a que preside atualmente a todas as atividades humanas nas suas diversas esferas: governa-se a nação com os Ministérios; negocia-se comercialmente em sociedade; organiza-se a política por comités; estuda-se em comissões; joga-se em equipa; corre-se em pelotão; voa-se em esquadrilha; etc., etc. ...

Sem dúvida que esta tendência para se “agrupar” (essência do Ser Social) acentua-se tanto mais, quanto o Homem assimila o princípio de que “só pode viver e sobreviver” em Sociedade.

Em segundo: **RAZÃO DE ORDEM SOBRENATURAL**

Os Cristãos são Homens e Mulheres participantes desta Sociedade. Usufruem de todos os Direitos e estão sujeitos a todos os Deveres, como qualquer outro Cidadão. Nunca os cristãos se devem eximir a quaisquer destes Direitos e Deveres.

Contudo, pelas enormes dificuldades que a “secularização” da vida da Sociedade apresenta nos nossos dias, (tal como se apresentou aos Cristãos dos primeiros séculos), hoje os cristãos necessitam vitalmente de viver em “comunidade”, de criar “comunidades” inseridas na Sociedade dos Homens.

E se os Cristãos quiserem que esta “Sociedade” seja eivada de ambiente Cristão, forçosamente que têm que criar Comunidades Cristãs. Só assim, a dificuldade que a secularização da Sociedade apresenta em nossos dias, pode e deve ser transformada. E este trabalho não pode ser pedido ou exigido aos não cristãos, é um “Trabalho” ou “Tarefa” nossa, de Cristãos. É próprio de cada “comunidade cristã” transplantar para o campo de Ordem sobrenatural qualquer situação, na qual qualquer dos seus membros viva e atue. A esta sociedade atual de sinal tão vincadamente grupista, a Graça deve dar-lhes também, para salvá-la, o seu próprio influxo social. O Concílio Vaticano II, no Decreto sobre o apostolado dos Leigos, nos nºs. 17 e 18 diz-nos que os grupos de cristandade devem trabalhar por infundir a todos os grupos naturais, através da amizade e do seu compromisso temporal e humano, a seiva fertilizante da vida sobrenatural e da ação apostólica.

Evidentemente, que isto implica que cada um e todos, em comunidade, assumamos a nossa condição de Cristãos: seguidores de Cristo! Quando assim for, tudo o que é natural se sobrenaturaliza. Os nossos horizontes tornam-se muito mais vastos, tão vastos que se vão entroncar no Infinito. Esta ânsia de Infinito, sendo de todo o Ser Humano, é-o particularmente do Cristão. Por isso, não é possível a um cristão não se sentir comunidade, se o não sentir, é um cristão falhado.

Jesus Cristo, o Mestre, chegou sempre ao mundo e às multidões através da formação e atividade dos grupos aos quais dedicou as preferências da sua solicitude: só a uns poucos dava a conhecer os mistérios do Reino de Deus, declarava o sentido das parábolas (Lc. 8, 10); teve três prediletos (Mt. 17, 1 e Lc. 8, 51); mandou dois a dois, setenta e dois discípulos (Lc. 10, 1-12); convocou quinhentos para a Ascensão (I Cor. 15, 6).

Jesus Cristo, também Ele, formou um grupo (um grupo restrito): Ele e os 12 Apóstolos, dentre os muitos discípulos que O acompanhavam (um grupo alargado), (Lc. 6, 12-18).; que como nos relata os Atos dos Apóstolos, revelada com clareza já nos 5 primeiros capítulos, em que nos dá uma diretriz precisa sobre a importância dos cristãos terem um grupo de comunhão para compartilhar, encorajar-se mutuamente, motivar-se para a missão e orar uns pelos outros. A comunhão regular com irmãos e irmãs de fé numa mesma comunidade é parte imprescindível da caminhada com Jesus: “*estavam todos reunidos num só lugar*” e “*dedicavam-se ao ensino dos apóstolos e à comunhão fraterna, ao partir do pão e às orações*”. Podemos dizer que este grupo formou a primeira comunidade cristã

Jesus Cristo deu tanta importância ao grupo que fez esta afirmação: “*Onde dois ou três estiverem reunidos em Meu Nome - Eu estou no meio deles*”. Assim, qualquer grupo cristão que se reúne em nome de Jesus Cristo e se dispõe ao Seu Serviço tem a garantia de que Ele está presente. Esta presença de Jesus no meio do grupo obriga-nos a ver as coisas duma maneira consoladora e sublime: Ele é um dos do nosso Grupo. Esta Sua afirmação/garantia e a nossa certeza da Sua presença deveria ser a razão bastante e sobeja para que cada cristão procurasse, sempre e em qualquer circunstância, viver inserido num grupo Cristão, não duma forma passiva, mas como cristão ativo e comprometido.

Deus em si é grupo, é família. A ação de Deus em cada um de nós é uma ação trinitária – Pai/Filho/Espírito Santo – logo, é comunitária. A comunhão com Deus e entre os homens são indissolivelmente unidas, de tal maneira que a primeira é a razão da segunda. É nos grupos que nos sentimos verdadeiramente Igreja, comunidade viva de fé, na medida que escutarmos a Palavra, celebrarmos a Fé, partilharmos os pedaços de vida para que enriquecidos por esta vivência partamos em missão a testemunhar Cristo nos ambientes.

É por tudo isto que, indubitavelmente sob inspiração do Espírito Santo, o Movimento dos Cursilhos de Cristandade desde o princípio, sempre direcionou o seu Método na criação de Grupos. Porque essa é a sua finalidade. Como nos diz Eduardo Bonnin, volto a citar o seu slogan com que comecei: “*Não se fazem Reuniões de grupo para se realizarem cursilhos, mas realizam-se cursilhos para que se formem grupos*”. Mas, cuidado que o grupo não pode ser um fim em si mesmo, mas um meio para a evangelização dos ambientes. No MCC os grupos surgem como consequência da **VIVÊNCIA E CONVIVÊNCIA DO FUNDAMENTAL CRISTÃO**. É de todos sabido e se calhar... de muitos esquecido... que o Fundamental Cristão é: **VIDA EM GRAÇA consciente, crescente e comunicada ou partilhada**. Portanto a VIDA EM GRAÇA pressupõe e só tem sentido se for **VIDA vivida e convivida**. Viver o Fundamental Cristão é pôr Cristo como Pedra Angular, como Molde definitivo. Isto é, como Modo de Vida. O MCC tem como prioridade formar grupos cristãos, mas Cristãos autênticos, com garra apostólica, onde cada elemento do grupo é um Apóstolo é um escolhido e sobretudo um enviado. O apostolado é Missão. O apóstolo não se pode fechar em si mesmo. Se o fizer, trai a sua missão. Porque a sua missão tem de se desenvolver, a sua atividade missionária tem de ser no meio dos outros. O Cristianismo não se vive: convive-se! E conviver implica viver com alguém, quer dizer: partilhar, dar e receber. Partilhar pressupõe viver com alguém, viver em comunidade, em grupo, já que sozinho ninguém pode partilhar, como podemos ler na Exortação Apostólica de João Paulo II - “Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo” no n.º 20: “*O Fiel Leigo nunca pode fechar-se em si mesmo, isolando-se espiritualmente da Comunidade, mas deve viver em contínuo intercâmbio com os outros,*

com um vivo sentido de fraternidade, na alegria de uma real dignidade e no empenho em fazer frutificar, ao mesmo tempo, o imenso tesouro recebido como herança”. Portanto, a formação de grupos, são grupos de cristãos que querem impregnar de Evangelho os Ambientes e esta transformação dos ambientes não é possível consegui-la individualmente. A tarefa não é pequena e exige o esforço de muitos.

Neste sentido, o MCC estruturou a vivência do cursilho baseado no Kerigma, adotou na sua dinâmica o essencial da Pastoral Kerigmática: o anúncio; a conversão e a inserção na comunidade. A duração de um cursilho (três dias) não é tempo suficiente para que cada cursilhista abranja plenamente os seus pontos fundamentais: Anúncio; Conversão e Inserção na Comunidade. Eduardo Bonnin dizia que “os três dias do Cursilho sem Reunião de Grupo e Ultreia, era como se alguém montasse um colar de pérolas e depois de as ter todas enfiadas, se esquecesse de dar o nó que as segura”. Se o Cursilho foi lugar abençoado da descoberta de Cristo ou do renascer para Cristo, a Reunião de Grupo é o berço quente e desejado onde o cursilhista, envolvido pelos irmãos, vai aprendendo a viver à maneira de Cristo. Deus não terminou o Seu trabalho num Cursilho, apenas o começou continuando a Sua obra pela ação do Espírito Santo no interior de cada Reunião de Grupo. A Reunião de Grupo é o que dá permanência à Graça própria do Cursilho. A sua eficácia dependerá de uma correta estrutura inicial, da utilização normal dos seus elementos funcionais, da sua rigorosa periodicidade e do ambiente de entusiasmo que a impregna. Um sintoma de que alguma coisa não funciona ou funciona mal na sua estrutura é o desinteresse habitual ou a falta permanente de entusiasmo para assistir às Reuniões de Grupo.

Então o que é a Reunião de Grupo?

É instrumento fundamental para obter uma perseverança crescente e entusiástica na medida em que garante a presença de Deus, faz com que nos sintamos Igreja e realiza as três exigências de um cursilho de cristandade: Entusiasmo; Entrega e Espírito de caridade.

É uma reunião de amigos em Graça que em nome de Cristo, animados e confortados pelo Espírito Santo compartilham com entusiasmo a ativa e consciente responsabilidade do seu cristianismo. Ela é a aplicação da garantia que Cristo nos deu no seu Evangelho: “*Onde dois ou três estiverem reunidos em Meu nome, aí estou Eu no meio deles*” (Mt. 18, 20). A Reunião de Grupo não tem um chefe designado, porque este cargo pertence ao Espírito Santo. E o único título para a chefia deve ser a santidade de cada elemento do grupo, que é a condição de eficácia da Reunião de Grupo. Os santos mais do que chefes são guia e exemplo. O santo desperta admiração mais do que impõe a obediência. O seu critério fixa-se, não como ordem, mas como testemunho. Por isso, a autoridade do grupo, será detida inconscientemente pelo mais santo que, precisamente por sê-lo, não tentará impô-la. Contra a ideia de alguns, a Reunião de Grupo é formativa, claro que não se estuda a Sagrada Escritura, não se aprofundam as verdades do Catecismo ou da moral aplicada, ... etc., mas a formação consiste precisamente em dar forma ao exercício do nosso cristianismo; é torná-lo esclarecido, consciente, profundo. É eminentemente formativa se entendermos por formação aquilo que dá forma cristã aos atos da nossa vida. A Reunião de Grupo no plano divino, fundamenta-se na ânsia, na sede de Deus, ajuda-nos a descobrir a presença de Deus em nós e nos outros. No plano Humano, assenta na amizade, ou seja, trata-se de pôr a amizade humana ao serviço da Graça. É incorporar Cristo num círculo de amigos, onde se partilha o entusiasmo e a entrega do outro, como o outro compartilha da nossa. É viver o Cursilho na companhia do amigo que vive e viveu connosco a alegria de uma mesma descoberta, a jubilosa posse de uma mesma

Graça. Em Cristo e no Espírito Santo, cuja assistência se invoca no princípio de cada reunião., vive-se o momento semanal da amizade sobrenaturalizada, onde em Deus e diante dos irmãos, com naturalidade mas apaixonadamente, fala-se dos irmãos e de Deus. Faz com que nos sintamos Igreja, impulsionando-nos ao mesmo tempo a viver como Igreja. É um grupo de amigos que vivem em comunidade de amor pela amizade e fé em Jesus Cristo, conscientes de que têm que atuar como cristãos nas circunstâncias que lhe são próprias, fermento vivo num setor do tempo e do espaço que Deus lhes confiou. Cada elemento do grupo, tem que oferecer entusiasmo. A motivação desta atitude é só uma: vamos reunir-nos com amigos, entre os quais está Cristo. Vamos ter uma oportunidade de apostolado e do nosso apostolado depende a santidade e talvez a eternidade de algum, o remédio de problemas urgentes.

O nosso entusiasmo na Reunião de Grupo converte-se em atitude de quem vai ao encontro de alguma coisa e de alguém que nos enriquece. É um grupo que cresce na santidade e no zelo apostólico para com os irmãos, com entusiasmo apostólico de quem vive a verdade encontrada no cursilho, numa atitude de entrega aos outros e disponibilidade para quanto Deus queira exigir-me. Entrega é a espiritualidade do sim e agora, é rendermo-nos sem condições ao cerco da Graça de Deus. A Reunião de grupo oferece-nos a grande oportunidade de pôr em ação a caridade nas suas três dimensões: amor de Deus em Si, em mim e nos outros. A Reunião de grupo equivale a reunião de amigos sobrenaturalizada, aprofundada, levada a um nível de intimidade que somente a graça torna possível.

Na reunião partilha-se o entusiasmo e a entrega do outro, como o outro compartilha da nossa. A caridade contagia-se e, ao mesmo tempo que nos estimula, desperta a profunda admiração que acompanha sempre o afeto sincero e a atitude normal daquele que, humilde, sabe esquecer-se de si para ver e amar a Deus na Graça presente no outro. Na Reunião de Grupo, o ambiente de caridade é como a soma das caridades de cada elemento do grupo que são postas em comum, é caridade comunitária e então, ninguém humilha nem ninguém se sente humilhado ou ferido, ainda que seja preciso corrigir ou ensinar. A compreensão, a ausência de juízos de comparação que magoam, o esforço por descobrir o que há de Deus em cada um, são efeitos de uma Reunião de Grupo bem montada. O Ideal para uma montagem acertada, seria a constituição de uma reunião de grupo “em quente”, ou seja, aproveitar ao máximo a alta temperatura apostólica que se consegue no cursilho, não devendo haver atrasos. Até o ideal, seria o grupo ser formado com pessoas que fizeram o mesmo cursilho e se possível, já ser montado dentro do próprio cursilho, antes da despedida. Quando não for possível e esta é a nossa realidade, devem ser imediatamente integrados numa Reunião de Grupo que já está em funcionamento. A experiência ensina-nos que o número de componentes do Grupo também é importante para uma montagem inteligente da Reunião. O Grupo não deve ter menos de três e um máximo de cinco. Com menos de três falta ambiente e com mais de cinco perde-se a intimidade e a comunicação. Aqui há várias opiniões: no mínimo todos são unânimes, no máximo, uns dizem que não devem ter mais de cinco, outros até sete e outros até oito, no máximo. Na minha opinião e pelo conhecimento da experiência relatada por alguns, o número exato para um bom funcionamento seriam 5 elementos. Convém no entanto referir que o Grupo não deve ser muito grande, pois corre-se o risco e quase sempre acontece, de os mais fracos na sua personalidade anularem-se e irem a reboque dos mais fortes, dos que têm uma personalidade mais vincada. Está provado que as reuniões de grupo formadas com 4 ou 5 elementos, quando o ambiente é propício e os mesmos estão unidos por uma amizade sincera, cada um conserva facilmente a sua personalidade, sente-se capaz de expressar a sua opinião sem temer o ridículo e torna-se ativo no clima sobrenaturalizado da reunião. Como compor o grupo? Com que elementos? Já vimos que a 1.^a

condição é a amizade humana, consequente do cursilho que fizeram juntos ou da amizade que já os unia ainda antes de ir fazer o cursilho, porque trabalham juntos, ou porque pertencem ao mesmo grupo de paróquia, ou a um grupo de desporto, ou de lazer, etc. Cada elemento do grupo deve contribuir para a Reunião de Grupo, na medida das suas forças, com tudo o que tenha de melhor, ao grupo não se vai ver o que se passa, mas fazer que se passe.

Então como se deve desenvolver uma reunião de Grupo? Qual o esquema? O da nossa folha de serviço que nos foi entregue no fim da Celebração da Eucaristia da Clausura pelo Sr. Bispo.

A reunião deve ter início à hora marcada e no local certo. A pontualidade dos seus elementos é condição necessária para o bom funcionamento da mesma. É uma questão de lealdade para com o Senhor e para com os irmãos do grupo. Inicia-se a reunião com a invocação do espírito Santo, a mesma pessoa que fez a invocação do espírito Santo dirige a ordem da reunião, referindo um ponto de cada da vez da folha de serviço, e em cada ponto cada elemento de forma arbitrária e sincera espontaneidade e amizade vai respondendo aos diversos parágrafos da folha de serviços enumerados, então procede-se à revisão da folha de serviços e/ou compromissos, só tem que dizer se é compromisso diário ou não e se está cumprido ou não com simplicidade e sinceridade. Depois da revisão da folha de serviço, e seguindo a Ordem da reunião, chegamos à altura de responder à pergunta: **Em que momento te sentiste mais próximo de Cristo?** Ou seja, como vivemos durante a semana a nossa vocação cristã. Se vivemos n'Ele e com Ele durante a semana e com a atenção desperta para O sentir em tudo e em todos que nos rodeia, temos muitos momentos em que sentimos Cristo bem perto de nós, é só estarmos atentos. Uma boa técnica para descobrirmos diariamente estes momentos, é fazermos o exame de consciência à noite, e aí descobriremos a passagem silenciosa da graça de Deus na nossa vida, nas horas boas e alegres e nas horas menos boas e tristes da nossa vida, quando lemos um livro, o jornal ou quando ouvimos as notícias, quando alguém é simpático ou quando alguém é antipático, enfim, tudo serve para nos dar sinal da proximidade do Senhor, só temos que estar alerta. E os momentos de uns servem de estímulo e de alerta para os outros mais desatentos e distraídos. Convém frisar que um momento próximo de Cristo, não tem que ser um milagre ou a obtenção de uma Graça excepcional. Naturalidade e simplicidade acima de tudo, trata-se apenas de saber como descobrimos o rosto de Cristo numa ocasião ou situação da nossa vida durante aquela semana.

O outro ponto que se segue na folha de serviço é: **o êxito apostólico**, ou seja, que êxito apostólico quis o Senhor realizar na Sua Igreja por intermédio de mim? A nossa missão é a de gravar Cristo em todas as realidades seculares. Deus espera que façamos pelo homem e no homem aquilo que não podemos oferecer diretamente a Ele. Porque uma entrega total e apaixonada a Deus pressupõe uma entrega total e apaixonada aos homens. Sendo através do homem que podemos amar a Deus. O facto de nos sabermos colaboradores no plano de salvação da humanidade, deve-nos dar uma consciência apostólica das realizações urgentes e inadiáveis a fazer em todos aqueles setores onde abundam as nossas possibilidades: na família, na profissão, nas amizades,... procurando a transformação ambiental, a vertebração cristã de todos os ambientes, a fermentação de todos os campos pelo nosso exemplo de vida. Não esqueçamos que todos os nossos êxitos apostólicos são fruto da Graça de Deus em nós, por isso, nada de orgulhos nem vaidades, nem darmo-nos como autores mas sim como cooperadores na obra de Deus, que é a salvação da humanidade: nós somos as suas mãos, os seus pés, o seu coração, a sua boca e o seu coração, Ele precisa de nós para que a sua obra se realize, é nesta certeza que nós partilhamos o nosso êxito apostólico como uma luz pela qual se manifesta e brilha a atividade sobrenatural da Igreja. O relato na reunião de grupo dos

nossos êxitos apostólicos, garantem a nossa Fé e aumenta a nossa confiança e vamo-nos dando conta de que o Senhor pôs palavras de eficácia na nossa boca, tudo foi possível porque invocamos o nome do Senhor, a obra é Sua, nós somos simples instrumentos nas suas mãos. Ele preveniu-nos no Seu Evangelho: *“Não fostes vós que Me escolhestes a Mim, mas sim Eu que vos escolhi e vos destinei para que vades e deis fruto e o vosso fruto permaneça”* (Jo. 15, 16). A nossa ação apostólica, que teve o êxito como ponto culminante, não é mais do que a resposta pessoal a esta ordem do Senhor. Quando a contamos no Grupo, estamos apenas a prestar contas a Deus, através dos irmãos, do uso da Sua Graça. Não tenhamos medo nem falsa humildade em partilharmos com o grupo os nossos êxitos apostólicos, não digamos mais: *“ai eu não gosto de dizer o que faço”* como que, *“se o digo parece que estou a sobrevalorizar-me, parece que estou a dizer aos outros que sou um super homem ou uma super mulher. Nada disso, o contrário é que manifesta isto mesmo, porque se não quero dizer, é porque estou a dizer aos outros que eu sou o autor / autora de tais êxitos. Os êxitos apostólicos não são nossos, mas sim de Deus, Ele só nos usa como instrumento de trabalho para poder realizar a Sua obra. Tudo que fazemos é fruto do Seu Espírito e da Sua Graça em cada um de nós. Portanto, os “louros” dos êxitos apostólicos não são para nós, mas sim para Deus, sem Ele nada faríamos e se o fizéssemos seria “sol de pouca dura”. Portanto, quando relatamos o êxito apostólico, estamos apenas a prestar contas à Igreja, comunitariamente no seio do Grupo, pela forma como administramos uma Graça que foi concedida à Igreja por nosso intermédio.*

O ponto a seguir na folha de serviço, é o **fracasso apostólico**. Se o êxito apostólico traz a marca de Deus como Ele nos diz: *“sem mim, nada podeis fazer”* (Jo. 15, 5). O fracasso vem marcado com o nosso selo pessoal e que nenhum de nós diga: *“eu não tenho fracassos apostólicos”* porque estamos a mentir e aí sim, estamos a sobrevalorizarmo-nos, como que a dizer: *“eu é que sou bom, eu é que faço...”* orgulho rematado! Além de ser um sinal de que não fazemos nada pelos outros, porque o fracasso apostólico é inerente à ação, e só quando não há ação, o que já é um grande fracasso, é que se pode afirmar que não fracassou em nada. O fracasso apostólico pode ter causas muito diversas. Na origem de muitos fracassos, esconde-se, dissimulada ou não, falta de Fé. É O próprio Senhor que nos diz: *“Se tiverdes tanta fé como um grão de mostarda, direis a este monte – muda daqui para acolá – e ele passará, e nada vos será impossível”*. O que nos acontece, realmente na nossa ação apostólica, é que nos falta a Fé em Deus e sobra-nos a confiança em nós mesmos e quando isto acontece, chega a hora do fracasso. Querem ver um exemplo típico e comum desta falta de Fé em que quase todos nós fracassamos? Quando dizemos: *“ai eu não vou conseguir arranjar ninguém para ir fazer o cursilho, não vale a pena ir falar a determinada pessoa porque já se falou tantas vezes”*, ou então dizemos, *“esse/essa, não oh...! Nem pensar até me corria”*! Fracasso, grande fracasso pela falta de Fé, só estamos a pensar em nós e nós sem Ele, nada somos, nem podemos. Portanto umas vezes o fracasso surge porque só confiamos demasiadamente em nós, nas nossas forças e capacidades, outras vezes surge, pela nossa falta de entrega aos outros, ou porque a ação não foi bem planeada ou pensada, ou porque andamos distraídos e não estamos atentos às situações e pessoas e não agimos quando devemos ou agimos tarde ou então o fracasso também pode surgir, porque apesar de toda a entrega e generosidade das nossas vidas ao apostolado podem surgir imprevistos que nos impeçam de cumprir o nosso plano apostólico, ou também podem surgir obstáculos que brotam da liberdade das próprias pessoas sobre quem agimos na nossa ação. Nestes casos, não podemos desanimar nem dar a nossa ação como perdida, porque às vezes há fracassos que são aparentes, só Deus O sabe, porque às vezes o que nos pareceu fracasso tornou-se êxito em longo prazo. Há fracassos, que nós os consideramos como tais, que são semente de futuros êxitos, o importante é estarmos atentos para descobrir onde é que essa semente vai despontar

e esforçarmo-nos por cultivá-la. O grupo perante os fracassos aparentes, não pode desanimar nem dar como perdido toda a ação realizada, porque na herdade do Senhor é mesmo assim, uns são os que semeiam e outros são os que colhem. Claro que o fracasso, ajuda-nos a crescer na Fé e fortalece a nossa confiança em Deus. Agora não vamos querer fracassar para que isto aconteça. Mas quando acontecer o fracasso, que seja objeto de um exame de consciência individual e do grupo. O que falhou? Quais as causas do fracasso? E qual o remédio? O que é preciso mudar? É no grupo e em grupo que este exame de consciência deve ser feito. Porque por trás do fracasso está um plano apostólico, que é do grupo. E é no grupo que eu devo dar contas dos meus êxitos como já referimos, e fracassos. Porque ao fazê-lo, estou a estimular um movimento comunitário de ajuda, segundo as possibilidades de cada elemento do grupo. Juntamente com a tristeza que nos deve provocar o fracasso compartilhado na intimidade do grupo, cada um deve também sentir a alegria e o alívio de ver dividida com os outros a sua preocupação e tristeza. Sai-se deste modo fortalecido para novos compromentimentos, nova ação, já por novos caminhos e com outras diretrizes na expectativa do êxito apostólico. Costuma-se dizer que a reunião de grupo é igual a Seguro Total, precisamente porque é na intimidade da Reunião de Grupo que se compartilha tudo o que somos e fazemos com a Graça de Deus, onde cada um tem a ver com todos e todos têm a ver com cada um, alegrando-se com as vitórias e entristecendo-se com as derrotas, para juntos, se fortalecerem na ajuda mútua e trilharem novos caminhos, sempre com a certeza duma retaguarda firme em oração e sacrifícios de todo o grupo. Por último, na Reunião de Grupo, fala-se do plano Apostólico com duas questões: **“Como se cumpriu o plano apostólico da semana passada?”** e **“Que projetos para a próxima semana ”** ? Não falar deste ponto na reunião de Grupo é renunciar ao desenvolvimento normal da Reunião, atraído-se uma exigência fundamental da vida cristã. Todos os pontos vistos atrás, que são os da nossa folha de serviço, e falados na Reunião de Grupo, só existem se existir um plano apostólico. Não nos devemos esquecer que somos membros vivos de um Corpo Vivo, onde a nossa missão é crescer para tornar possível o crescimento do Corpo, dos outros, contribuindo assim, para a sua edificação. No Plano Apostólico, que se vive em comum com os elementos da Reunião de Grupo, deve existir sempre um objetivo concreto e constante: o anseio de ser melhor, de ser cada dia mais santo. O Plano deve ser uma fonte renovada de inquietações, o que mantém de pé o nosso propósito decidido de eliminar defeitos, e põe em movimento o esforço que desenvolve as virtudes e torna possível a santidade que se contagia aos outros. Não podemos esquecer, que o cristianismo não é somente indivíduo, mas é essencialmente comunidade. Não devemos falar da minha salvação, mas da nossa salvação, da minha edificação, mas da nossa edificação. É aqui que o aperfeiçoamento próprio entra plenamente no conjunto de objetivos que cada um deve propor-se quando quer concretizar o seu plano na Reunião de Grupo. Quando o plano que se propões for de aperfeiçoamento pessoal, este aperfeiçoamento deve ter como objetivo indireto, o aperfeiçoamento dos outros. Temos de evitar, neste ponto da Reunião de Grupo, converter o plano no simples relato do que conseguimos em nós próprios ou do que projetámos fazer em nós ou para nós, considerados como indivíduos isolados. Ou seja, o que se pretende é que tudo o que realizamos ou pensamos realizar tenha de algum modo repercussão no outro, ainda que seja através do testemunho e exemplo da nossa vida pessoal, este outro, é o local onde exercemos a nossa profissão, as nossas amizades, a nossa família, toda a comunidade que nos envolve e na qual estamos envolvidos. O Plano apostólico tem dá-nos a oportunidade de descobrir e de promover o que Cristo promoveria se vivesse nas nossas circunstâncias pessoais. Trata-se por isso, de viver o evangelho com todas as suas consequências, assim como Cristo veio para dar testemunho da verdade. Nós os cristãos temos o dever imperioso e inadiável de dar testemunho de Cristo com as nossas vidas, com a

nossa ação. Portanto o objetivo do Plano apostólico do Grupo é sempre o de alargar o Reino de Deus em nós e nos outros.

Em que consiste o Plano apostólico do Grupo? Uma vez, o Plano será remediar a nossa persistente falta de humildade; outras vezes, a falta de cordialidade no trato com as pessoas; ou o mau cumprimento dos deveres profissionais, ou as mil pequenas coisas que nos podem aparecer a cada passo na nossa vida diária. O cumprimento da Folha de Serviços, na medida em que se repercute ou pode repercutir-se nos outros, é um dos objetivos possíveis de um plano apostólico pessoal. Outras vezes, o plano será a aproximação a determinada família, a quem queremos influenciar ou a quem queremos ajudar com caridade; pode ser, também, cultivarmos sistematicamente a amizade de pessoas em quem julgamos dever influir para as aproximar a convencer; a ajuda a companheiros de trabalho, a Instituições apostólicas ou culturais, de caridade ou desportivas. Tudo pode ajudar-nos a realizar a nossa vocação cristã de fermento na massa do que é profano, no que pode ser melhorado ou convertido. Em cada reunião de Grupo importa concretizar um plano apostólico. Depois de se ter dito se se cumpriu e como se cumpriu o que tinha sido proposto na Reunião da semana anterior, deve fixar-se concretamente e em pormenor o que nos propomos conseguir na semana que se inicia antes da próxima reunião. Há que viver o plano durante toda a semana como uma preocupação do nosso ser de cristãos. O plano deve incorporar-se no exame diário de consciência, deve ser objeto de oração, de esforço e entrega. Quando estamos na reunião de grupo, a melhor forma de cumprir este ponto da folha de serviços é a seguinte: cada elemento do grupo diz como cumpriu o plano que foi proposto na semana anterior, pormenorizando as dificuldades, os meios e as estratégias que empregou e os frutos conseguidos. Seguidamente projeta-se o plano apostólico para a próxima semana. Algumas vezes há necessidade de se insistir no mesmo plano da semana anterior dependendo sempre da eficácia do trabalho que foi realizado, havendo por vezes necessidade de o reestruturar na metodologia e estratégias a aplicar; outras vezes completar-se-á o efeito parcial do plano anterior por meio de um plano mais amplo ou mais intenso, mais ambicioso para a obtenção de resultados mais frutíferos e mais importantes.

O plano apostólico é de cada um e de todos do Grupo. Trata-se da participação renovada das mesmas inquietações, da comunicação dos mesmos problemas e das mesmas soluções. Na Reunião de Grupo vive-se a alegria e a tristeza pelas mesmas coisas, a preocupação pelas mesmas dificuldades. A ação comum floresce espontaneamente, exigida pela marcha normal do grupo. Há êxitos que convém aprofundar para conseguir resultados mais completos e eficazes; existem fracassos cuja solução requer a atuação em comum, a preocupação e atuação de todos, de todo o grupo. Surge uma ação e uma responsabilidade comuns, e o grupo adquire consciência de alguma coisa que somente pode conseguir-se com a entrega unida de todos e de cada um. Tudo o que foi dito até aqui acerca da Reunião de Grupo, para que seja realmente, Reunião de Grupo, só será possível se os elementos que compõem o Grupo respeitarem religiosamente quatro características, que sem elas, o Grupo não consegue subsistir como verdadeiro Grupo de cristandade, será sim, uma normal reunião, mas não Reunião de Grupo da qual vimos a falar, sendo elas: **Regularidade; Seriedade; Sigilo e Sinceridade.** Diz-nos a experiência dos que ao longo dos anos vivem a experiência de viverem em verdadeira Reunião de Grupo, que esta para que seja eficaz no seu resultado, deve ser semanal. Sendo este o prazo necessário para que nem a frequência enfastie, nem a distância distraia, relaxe ou arrefeça. Nada nem ninguém deve ser motivo válido para se suspender a Reunião de Grupo, para circunstâncias extraordinárias, em vez de a suspender, devemos sim, também, arranjar remédios extraordinários para que ela se realize nessa semana. Nem que seja a ausência de alguns componentes que podem substituir-se por carta, por mail ou até por telefone, nem a doença de algum elemento do grupo, ainda que se faça a Reunião à

cabeceira da cama do doente. Há que evitar a todo o custo que se passe uma semana sem Reunião, para que não se estabeleça um costume e se crie um critério de futuras e mais fáceis suspensões da Reunião. Porque distanciando-se no tempo as Reuniões, decai o espírito do Grupo, apaga-se o entusiasmo e diminui a eficácia. Devemos dar o justo valor ao que a Reunião de Grupo é e representa para nós e para os outros: dar pelo menos o mesmo interesse que damos a outras obrigações primárias e fundamentais da vida humana, que algumas delas, não sendo até tão importantes para nós, nunca as abandonamos porque temos interesse e sentimos necessidade de cumprir essas obrigações. Então tenhamos também o mesmo interesse e sintamos a mesma necessidade pela obrigação da Reunião de Grupo, porque é ela que nos dá forma cristã a todo o resto da nossa vida. Escusado será dizer, depois de tudo o que já foi dito, que a Reunião de Grupo é uma coisa muito séria, porque se trata da sistematização de uma série de Graças externas, das quais fazemos depender em parte a nossa santificação e a santificação dos outros; é o esforço coordenado para aumentar em nós o Reino de Deus e ao mesmo tempo, para vertebrar cristãmente os nossos ambientes com o nosso esforço entusiástico. Por isso, esta seriedade, exige pontualidade às Reuniões, porque a não pontualidade é uma falta de seriedade, porque os atrasos à Reunião, equivalem a desorganização da mesma, porque a espera pelos atrasados para se começar a reunião faz com que a mesma seja feita à pressa para cumprir o tempo estipulado de Reunião, o mesmo acontece se a Reunião já tiver começado sem virem os atrasados, o que não deveria acontecer, fazendo com que à chegada destes haja pausas e divagações na Reunião. Esta deve ser feita sem pausas mas também sem pressas, daqui a necessidade da pontualidade. O ambiente da Reunião de Grupo tem de ser sempre um ambiente propício às confidências íntimas, por isso a Reunião deve sempre realizar-se em condições de amizade, de caridade e de entusiasmo apostólico, como já foi referido no início desta reflexão, estando inerente o sigilo, como se se tratasse de segredo de confissão. O que se diz no Grupo tem o caráter de segredo confiado a outro, e respeitar esse segredo é obrigação de consciência. Uma traição ao Sigilo, é a morte do Grupo. No entanto, podem existir muitas coisas na Reunião de Grupo às quais o sigilo não afete, podendo e devendo até ser reveladas para servirem de testemunho e de exemplo. Uma vez sem dizer nomes e circunstâncias, mas contando o facto; outras vezes, referindo o nome para evitar um mau juízo por parte de quem não conhece o que nós muito bem conhecemos por fazermos parte do mesmo Grupo. Estes factos de que falamos referem-se sempre a realizações apostólicas, a virtudes, a momentos que possam edificar sem comprometer nem desgostar qualquer pessoa. Cabe ao bom senso de cada um, saber o que tem de ser silenciado, o que é objeto de segredo, para manter um clima de confiança e intimidade que toda a Reunião de Grupo requer. Ao sigilo está associado a quarta qualidade da Reunião de Grupo, a sinceridade. A falta de sinceridade de qualquer elemento do Grupo é um dos piores males que podem parecer numa Reunião de Grupo pelas consequências que trás consigo: pois logo surgirá a desconfiança desaparecendo a amizade. O clima de amizade confiante transforma-se em frieza, passando a desconfiança e a hipocrisia, o mesmo que dizer, que a Reunião de Grupo está condenada a desaparecer. E se continuar, não será mais uma Reunião de Grupo, chamemos-lhe o que quiser, mas será algo sem qualquer valor e eficácia apostólica. Sempre que existe falta de sinceridade de algum dos elementos do grupo, convém desde logo saber a causa ou o motivo que o levou a tal ato. Muitas vezes isto pode acontecer devido ao rigor excessivo, à falta de caridade e de compreensão dos, *sinceros*. Não é permitido, nunca na Reunião de Grupo que se façam críticas ou censuras, que podem deixar em posição incómoda os que tiveram um fracasso apostólico ou não cumpriram completamente a sua Folha de Serviços. Também é prejudicial, porque contribui para a não sinceridade, algum elemento assumir a autoridade do Grupo, às vezes esta autoridade pode acontecer num elemento, ou porque é mais antigo, ou porque é Dirigente num Cursilho, ou por qualquer outra razão se

julga em posição de guiar, orientar, mandar, sentir-se responsável pela sua Reunião de Grupo. Também pode ser a causa ou motivo da falta de sinceridade, uma incompatibilidade evidente entre determinado elemento do Grupo com os restantes elementos desse mesmo Grupo, neste convém, que este elemento seja integrado numa Reunião de Grupo mais adequada para ele. Que nunca haja uma falta de sinceridade no Grupo, mas se acontecer, deve ser imediatamente remediada.

Eu sintetizaria tudo o que foi dito até aqui sobre Reunião de Grupo no seguinte: a solução mais eficaz será aprender a fazer Reunião de Grupo, não através da teoria da sua dinâmica, mas fazendo simplesmente a Reunião com a dinâmica do próprio Cristo “*Que todos sejam um, como Eu e Tu, Pai, somos Um*” (Jo. 17, 11).

Como já foi referido, a reunião de Grupo não se esgota em si mesmo. Transborda e passa de evangelizado a evangelizador. É ponto de partida para a vida e fonte de nova vida pela partilha em comum, não é um fim em si mesmo, ela existe em função dos outros e para os outros, não pode converter-se em “capela”, vivendo à parte, ela é comunidade de irmãos que dão e recebem para tornarem a dar com mais entusiasmo, é uma comunidade onde se vive e convive o fundamental cristão, e por isso, sente necessidade do contacto com os irmãos que vivem na mesma linha marcada pelo cursilho e vincada pela reunião do grupo, ou seja, o Grupo sente necessidade de ir mais além, como que um grito de estímulo de peregrinos que avançam pelos caminhos do Reino. É mitigar a fome de Deus que o Cursilho despertou no contacto vivo com Cristo e com os irmãos. Ou seja, os Grupos sentem necessidade de se reunirem em Ultreia com o espírito de uma comunidade eclesial, tendo como finalidade a partilha da vida cristã levando ao crescimento progressivo da conversão comunitária e à educação na Fé. Por isso se diz que a Ultreia é a reunião das Reuniões de Grupo, isto é uma oportunidade para os vários grupos se juntarem e partilharem a um nível mais alargado a sua caminhada cristã, em clima de franca alegria, de abertura, de confiança, de naturalidade, de sinceridade, de igualdade, de respeito pela individualidade e pela originalidade de cada um e sobretudo de caridade. É em resumo, o clima do terceiro dia do cursilho. Podemos por isso, definir Ultreia como a comunidade espiritual de cristãos em atitude de conversão progressiva que, por sentirem-se unidos numa só Fé, num só Senhor e num só Batismo, se reúnem para partilhar e potenciar mutuamente nas suas vidas, a vivência e partilha do fundamental cristão, descobrindo e concretizando a nossa maneira de vivê-lo, onde Deus nos colocou, de acordo com a nossa vocação pessoal. A Ultreia é essencialmente vivencial, onde uns tantos em cada Ultreia partilham com os outros a sua vida cristã. Por isso deve ser um lugar onde nem prevalece a passividade nem o ir a reboque. Pois para além, da alegria do encontro entre as pessoas, cada um se quiser sente-se protagonista sem se armar em chefe nem começar a dar conselhos que não lhe são pedidos. Quem lidera a Ultreia é o Espírito Santo. Na Ultreia todos são amigos, estão para ajudar, escutar e compreender, nunca para ensinar, mas sim para aprender dos testemunhos que os outros oferecem com as suas vidas, em forma de rolhos, rolhos que devem ser coágulos de vida. Assim todo aquele que viva poderá fazer um rolho e todo aquele que viva encontra-lo-á interessante para a sua vida. Numa Ultreia todos, independentemente do seu estado de vida, têm algo de comum, algo que interessa a todos. Esse algo é que deve ser levado para a Ultreia, ou seja, o seu viver de verdade, a sua vivência do seu fundamental cristão. Na Ultreia todos somos colegas numa coisa, no fundamental cristão, independentemente de ser intelectual, ou analfabeto, padre ou bispo, solteiro ou casado, jovem ou adulto, todos são chamados a serem santos as 24h do dia, a falar de Cristo aos outros com a sua vida nos mais diversos ambientes em que estão inseridos e é este testemunho de vida que se deve partilhar nos rolhos das Ultreias. De tal forma, que o testemunho do meu irmão me incendeie o coração para voltar à vida dos meus ambientes mais entusiasmado do que quando entrei na Ultreia. A pessoa ou as pessoas que fazem um rolho na

Ultreia basta que viva aquilo que vai falar, pois quando se fala do que se vive, fala-se sempre bem, desde que não se viva para falar. Há quem tenha medo de falar e alguns destes até desistem de ir à Ultréia por este motivo. Para se falar numa Ultréia, partilhando uma vivência, não são precisas muitas palavras, não é fazer nenhum discurso ou uma conferência, mas sim compartilhar o cristianismo vivido e mostrá-lo aos irmãos que vivem o mesmo que nós vivemos. Se assim entendermos, todos teremos vivências maravilhosas para partilhar com os outros, mesmo que não saibamos ler nem escrever. Trata-se de compartilhar o que possuímos de Deus e então as Ultréias serão vivas, espontâneas e calorosas. Um rolho/vivência na Ultréia serve e encaixa se responde mais ou menos a estas perguntas: como procurei, como encontrei, como vivo o meu amor a Cristo? Como procurei, como encontrei, como vivo o meu amor aos irmãos? E tudo isto como homens e mulheres de hoje, conhecendo os problemas de hoje, metidos nas circunstâncias e problemas de hoje e não de há 20 ou 30 anos atrás. Que as nossas vivências não sejam sempre as mesmas, porque do passado, mas sim do hoje e agora, do presente. A Ultréia há-de ser uma ressonância do mundo e da sociedade atual, assim terão lugar e vibrarão nela as pessoas do mundo atual, devendo as vivências apresentar duas pistas: a pista de Cristo e a pista dos tempos de hoje. Onde estas duas pistas se devem misturar: o meu mundo e o meu Cristo. Sem alterar jamais o estilo da Ultréia, que é e vivencial e formativo porque transforma, as Ultréias podem ter uma temática com uma formação adequada e até sistematizada. Ou seja, pode-se traçar um programa de formação para a Ultréia, através de temas diversos (doutrina social da Igreja, sacramentos, evangelização, etc.) que serão objeto de rolhos ou vivências, o que não poderão nunca as Ultréias é transformar-se em sessões informativas, por muita ciência que transmitam, pois o papel da Ultréia é formar o cursilista para este vir a transformar o seu mundo. Podemos dizer que a Ultréia é o laboratório de amor ao próximo, onde cada um destapa a sua própria vida e abre o seu coração, para que aquilo que nele houver de Cristo, ilumine os outros, e para que os outros façam outro tanto ou ainda mais e melhor nos seus ambientes da profissão, da família do grupo de amigos ou de qualquer outro grupo ou circunstância em que esteja envolvido. Por isso a qualidade fundamental da Ultréia deve ser precisamente a sinceridade, que consistirá simplesmente em apresentar-nos como somos, ou pelo menos como estamos, sem falsas imagens nem auréolas, conseguindo desta forma que as nossas Ultréias não sejam um clube de santos, mas simplesmente a reunião daqueles que têm uma sede infinita de sê-lo, ou uma dor muito grande de não poder ainda sê-lo, mas que querem sê-lo e por isso, precisam da amizade e da companhia dos outros que um dia fizeram um cursilho de cristandade. Início de uma caminhada que terá continuidade no 4.º dia com a ajuda da Reunião de Grupo semanal e a Ultréia.

E para finalizar esta reflexão, só quero fazer referência à estrutura da Ultréia. Esta como vimos é um todo, por isso não podemos dizer primeiro temos a reunião de grupo e depois a Ultréia. Vimos que primeira razão de ser da Ultréia é a convivência e esta realiza-se de três formas distintas na Ultréia: 1.º os contactos pessoais, é importante que haja tempo e lugar para estes contactos pessoais, este tipo de contacto não admite substituto e os seus frutos são diversos, que pode começar logo quando chegamos ao local onde se vai realizar a Ultréia, haver um tempo de acolhimento e de conversação; 2.º as reuniões de grupo, melhor dizendo, as reuniões de revisão de vida para não as confundir com a verdadeira reunião de um Grupo de cristandade, estas reuniões podem ser formadas com elementos ocasionais, podem não ser os mesmos de semana para semana, afim de que se vão conhecendo melhor, sendo também importante que haja heterogeneidade na composição dos grupos, pessoas com estados de vida diferente, pela riqueza da diversidade de talentos e de ambientes, onde cada elemento vai partilhar com os demais elementos do grupo o eco que as vivências da Ultréia tiveram em nós e como nos influenciou no nosso apostolado, partilhando os nossos êxitos apostólicos; depois

deste tempo vem a 3.^a parte da Ulteira com a reunião coletiva, com todos os que estiveram reunidos em pequenos grupos, onde uns tantos partilham com os outros a sua vida cristã. Depois das vivências ou rolhos, que não devem ter mais de 15m, há as ressonâncias que não devem ser mais do que flaches da vivência de cada um, não para falar do rolhista nem para lhe traçar elogios, mas sim falar da minha vida, fazer eco com a minha vida. A Ulteira deve terminar com a visita ao sacrário, para agradecer ao senhor a Ulteira e pedir-lhe por todos os irmãos especialmente pelos ausentes à Ulteira e por todos aqueles que se recomendaram às nossas orações por alguma dificuldade por que estão a passar, seja de ordem familiar, de doença, de desemprego ou outras. Termina-se este tempo de oração com o Decolores.

Decolores

05/12/2011

Conceição Ponte